

**Estudo aponta que o aumento do uso de diretrizes de governança e compliance está relacionado a mudanças de mercado e riscos regulatórios**

Por Natália Flach

As empresas brasileiras estão mais atentas a questões relacionadas à governança corporativa e à **gestão** de riscos, segundo [levantamento da consultoria Deloitte em parceria com o Instituto Brasileiro de Governança Corporativa \(IBGC\)](#), obtido com exclusividade por EXAME. A pesquisa chamada “Os Cinco Pilares dos Riscos Empresariais” aponta que 73% das 165 companhias entrevistadas possuem uma política formal de gestão de riscos, um aumento de 29 pontos percentuais em relação ao último estudo.

O levantamento destaca ainda que em 70% dos casos os mecanismos de identificação, monitoramento, avaliação e resposta são atualizados anualmente, o que revela que as organizações estão focadas em entender as expectativas do mercado e as transformações regulatórias e em antever crises.

É bom frisar que a criação de diretrizes e estruturas não são suficientes para mitigar os riscos. É necessário promover uma verdadeira mudança na cultura das empresas, segundo Ricardo Lemos, membro da Comissão de Gerenciamento de Riscos Corporativos do IBGC.

A Vale é um exemplo trágico disso. A estrutura até então montada pela mineradora não foi suficiente para antecipar e mitigar os riscos de rompimento da barragem em Brumadinho (MG), em janeiro de 2019. Ao todo, 252 mortos já foram identificados pelo Instituto Médico Legal.

E olha que, segundo a pesquisa, os riscos operacionais são os que têm mais processos definidos para mitigação nas empresas, especialmente no que se refere à conduta antiética e fraude. Em seguida, aparecem no ranking de instrumentos para mitigar surpresas indesejadas, os riscos financeiros e regulatórios – com destaque para regulação do fluxo de caixa e integridade das demonstrações financeiras – e, por fim, os riscos cibernéticos, que ainda são incipientes.

Apenas 34% das companhias têm operação de segurança contra ataques virtuais, mesmo com diversos exemplos recentes como o vírus wannacry de maio de 2017.

“Governança corporativa é essencial para qualquer tipo e tamanho de organização. Até porque gestão de risco deve caminhar lado a lado com a estratégia da organização”, comenta Lemos.

**Desafios atuais**

O desafio que se coloca atualmente, portanto é melhorar a comunicação desses riscos e treinar pessoas para lidar com as ameaças. Para isso, Lemos sugere aumentar a diversidade nos conselhos de administração, montando equipes com profissionais de várias áreas do conhecimento. “Também é importante o tom vir das lideranças, se não tudo fica solto”, diz.

Outros desafios são a adequação à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD) representa uma meta de médio prazo para quase 80% das empresas pesquisadas, seguida pela gestão de terceiros com 70%, disrupção tecnológica (66%), talentos (58%) e integridade de informações (57%).

É claro que promover essas mudanças não é fácil e custa caro. “Um ex-presidente do banco central americano disse uma vez: se você acha que ter compliance é caro, experimente não ter”, lembra Alex Borges, sócio-líder de risk advisory da Deloitte. A dica do especialista, portanto, é começar o quanto antes.

**Desafios na implementação de um processo de gestão de risco eficaz**

1. Cultura da organização
2. Falta de prioridade da organização
3. Criação de uma metodologia eficiente
4. Custos e restrições orçamentárias
5. Falta de integração entre as áreas de risco, controles, compliance e auditoria interna

**Fonte:** Revista Exame, em 13.11.2019.